

A contribuição da ginástica para a (des)construção da identidade juvenil

Arthur Müller

Nas últimas décadas, a informação nos tem chegado de uma forma avassaladora. O mundo está conectado, e o acesso hoje está a um clique. Discutir e analisar as informações disponíveis se faz cada vez mais necessário, e a escola se configura como um espaço propício a esse debate, uma vez que nela circulam uma variedade infindável de culturas, cada qual carregando suas representações do mundo. O encontro de representações distintas é algo positivo, desde que realizado de forma democrática, em que todos e todas reconheçam as diferenças, sem a necessidade de hierarquizar conhecimentos. Estes devem ser, aula a aula, colocados em evidência para que sejam constantemente ressignificados, reconstruídos e reelaborados a partir das problematizações das representações trazidas pelos estudantes e pelos professores. Deve-se, inclusive, confrontar toda e qualquer informação que faça parte das chamadas culturas de chegada.

Um dos papéis que a Educação Física desempenha dentro do espaço escolar é o de analisar as relações imbricadas nas diferentes práticas corporais. Dito de outra forma, cabe ao componente curricular promover situações didáticas em que a ocorrência social das práticas corporais seja analisada, confrontada com outras perspectivas e, finalmente, reconstruída criticamente na escola. Por conseguinte, ao decidir por um determinado tema, o professor tem uma intenção que se baseia em suas experiências e também no seu modo de ver o componente, ou seja, em sua representação do que é uma aula de Educação Física e para que ela serve.

Trazer para o bojo das análises as intenções imbricadas nas diferentes práticas corporais (bem como o caminho que cada uma percorreu e as incidências das diferentes relações de poder que as atravessaram) é papel

da Educação Física. Essa percepção desvela criticamente por que determinada prática corporal desfruta de condições vantajosas em detrimento de tantas outras que são marginalizadas.

Partindo desses pressupostos, colocamos sob análise, junto com os estudantes do Colégio Marista Arquidiocesano de São Paulo, o *status* que a ginástica gozava no início do século passado, sua implementação nas escolas, bem como os principais objetivos e discursos que circundavam essa prática.

É fundamental mapearmos os saberes discentes a fim de analisarmos de que forma as crianças e os jovens concebem a ginástica. Além disso, é importante levarmos em consideração como as mídias influenciam a construção de representações sobre as formas gímnicas, à medida que disponibilizam, ou não, informações sobre a prática.

Os conhecimentos de chegada dos estudantes se referiam principalmente à ginástica artística; então, após a explicação do que era o trabalho e qual deveria ser nosso produto ao final dos estudos, a sala foi dividida em pequenos grupos. A cada grupo, coube a função de pesquisar sobre um tipo de ginástica. Inicialmente, escolhemos aquelas mais antigas ou, nos dizeres dos estudantes, tradicionais. Nas aulas seguintes, realizamos as vivências práticas de acordo com as técnicas pesquisadas. Iniciamos com a ginástica sueca, passando pela francesa, até chegar à inglesa.



EDUCAÇÃO FÍSICA CULTURAL



EDUCAÇÃO FÍSICA CULTURAL

Após a vivência das chamadas ginásticas tradicionais, os estudantes leram dois textos a fim de aprofundar as análises acerca da prática corporal. A leitura de “A maquinaria escolar”¹⁶ e “Gramática espacial e a construção da identidade sociocultural da escola primária”¹⁷ proporcionaram aos estudantes uma melhor compreensão da produção da cultura material escolar (e a sua forma de controle sobre o corpo dxs estudantes) e da forma como a escola foi se constituindo ao longo dos tempos, desde a sua criação (e seus principais objetivos na época de sua criação).

Em seguida, passamos para a ginástica artística. Escolhemos coletivamente alguns aparelhos para realizar as vivências e convidamos o professor Ivan, responsável pela oferta da modalidade no contraturno, para nos auxiliar. Um menino e uma menina de outra turma, praticantes de ginástica, também foram chamados.



Vivência no trampolim acrobático.

No final das vivências, organizamos uma roda de conversa com os convidados. Entre os assuntos abordados, sobressaíram o modo como a ginástica é vista no Brasil, se existe um reconhecimento midiático e financeiro e como o colégio enxergava as aulas de ginástica artística no que tange ao apoio material. Alguns alunos e alunas relataram que não tinham ideia de que a modalidade era tão desvalorizada. “Pela grande exposição que essa ginástica tem durante as competições, tipo a olímpica, pensei que os atletas ganhavam mais, que as competições premiavam melhor. Eles têm uma cobrança muito grande e o retorno nem é tanto. Tem que gostar muito desse esporte”; “Fora que sempre tem aquele que tira sarro dos meninos só porque eles fazem ginástica”.

Também estudamos algumas modalidades de ginástica presentes nas academias. O principal objetivo era relacionar as transformações da prática para que pudesse adentrar nas academias e conseqüentemente se tornar acessível a outros públicos.

Simultaneamente, discutíamos a criação de um padrão de beleza corporal ao alcance de todos através da alimentação saudável e da prática regular de exercícios. Muitos alunos e alunas relacionaram esse discurso com algumas aulas de Educação Física.



Vivência no alongamento e localizada.



Vivência de *step* e localizada.



Vivência de *step*.

Após as vivências das ginásticas tradicionais e atuais, e a análise dos discursos que atravessam a prática corporal, os estudantes elaboraram um vídeo com informações sobre o projeto. O audiovisual foi apresentado na mostra cultural do colégio, que acontece todos os anos em meados de novembro.

O período total de tematização da ginástica extrapolou o esperado devido às inúmeras problematizações durante o percurso. Esse é um dos aspectos da prática pedagógica da Educação Física culturalmente orientada: fornecer aos estudantes oportunidades para fomentar a reflexão das diferentes práticas corporais a partir das representações que trazem para a escola. Durante os trabalhos, analisamos as atividades desenvolvidas

com base nas falas dos estudantes, buscando vestígios, indícios e sinais que nos orientem na reorganização das práticas vindouras. Isso acontece aula a aula e, por essa razão, faz-se fundamental o registro, podendo ser desde uma foto até mesmo a descrição dos acontecimentos. Na tematização em questão, as problematizações geraram outras possibilidades para outras aulas. Dessa forma, trabalhamos o inesperado. Ou melhor, aquilo que não pode ser previamente planejado, engessado, cristalizado. As aulas se configuram uma por vez, a partir da voz dos estudantes e do “barulho” de seu silêncio.

Considerações finais

A ginástica é uma prática corporal muito presente no dia a dia dos estudantes do colégio Marista Arquidiocesano. Está em quase todas as aberturas de evento e nos planos de ensino dos professores de Educação Física. Não à toa, existe grande variedade de espaços destinados a essa prática. Porém, mesmo tão acessível, não podemos afirmar que os estudantes possuem representações inclusivas e democráticas com relação a essa prática corporal. Mesmo ofertada no contraturno a todos os estudantes, o que verificamos é a hegemonia de uma certa identidade corporal. Dito de outra forma, parece existir um determinado padrão de corpo circulante nessas aulas. O que nos leva à seguinte reflexão: será que o estudante com outra silhueta não desejaria apropriar-se da gestualidade da ginástica artística? Será que ele ou ela também não querem se apresentar, exibindo as técnicas aprendidas na ginástica artística? Ao que tudo indica, tanto os acessos quanto a definição de justiça (no que se refere a oportunidades iguais para todos e todas) estão um tanto quanto turvos. E mais, a escola reforça essa visão.

Durante a tematização da ginástica ficou evidente o incômodo de muitos estudantes em relação à ditadura imposta ao corpo, desde a padronização até o controle. É função da Educação Física cultural, alinhada aos tempos pós-modernos, fazer essa discussão. Promover o encontro de culturas, representações e grupos sociais. É fundamental que os estudantes reconheçam dentro da escola um momento em que podem expor suas ideias, de forma democrática, com base no reconhecimento das diferenças.

A Educação Física, quando culturalmente orientada, estimula a entrada e a circulação de informações advindas dos espaços e dos grupos mais controversos, exatamente porque não advoga em benefício de uma verdade absoluta. Pelo contrário, as chamadas verdades absolutas são veementemente contestadas e colocadas em xeque. Devemos, a todo momento, proporcionar aos estudantes encontros (sejam eles com textos, áudios, pessoas, grupos sociais, linguagens, entre tantos outros) que promovam cada vez mais a produção de novas significações, resultando nas mais variadas representações.

Podemos afirmar que uma aula de Educação Física cultural deve proporcionar a análise e a produção da maior quantidade possível de representações das práticas corporais e seus representantes. Esse foi o objetivo da experiência relatada. A cada afirmação de algum(a) estudante, reorganizávamos nossas ações pedagógicas com o intuito de trazer, na aula seguinte, situações em que as representações estudantis fossem colocadas em evidência, possibilitando sua reconstrução. Por essa razão, durante as aulas demos muita importância aos registros, porque com eles nos debruçamos nas pistas que os estudantes deixavam, aula a aula, sobre como pensavam as práticas que estavam em curso. A partir dessas informações, pudemos, por exemplo, realizar a entrevista e utilizar o ginásio de ginástica artística, ampliando os discursos e os conhecimentos sobre essa manifestação corporal. Para auxiliar, utilizamos fontes e informações advindas dos locais mais variados, desde uma matéria jornalística até uma credence pertencente à cultura popular. Afinal, somos constituídos por todos esses discursos.